

BANDA VENENO

(baseado no conto «A Cartomante», de Machado de Assis)

Duílio Gomes

Vilela deixou a cabeça pender no braço do sofá. O som quadrifônico estava ligado e a sala escura. **Banda Veneno**. O som, muito alto. Os vizinhos não podiam reclamar: a sala era à prova de som, uma preocupação que Vilela havia tomado exatamente para que eles não se queixassem. Rita, sua mulher, havia saído com uma amiga. Camilo, um amigo de infância, prometera chegar à oito e meia para uma partida de buraco mas até aquele momento não chegara. Camilo era o seu amigão. Havia estudado juntos, desde o Grupo até a Faculdade de Engenharia. Camilo pra ele era como um irmão, ele, que não tinha irmãos. Isso significava muito; carne e unha. Camilo também era filho único, talvez por isso fossem tão amigos, eram garotos solitários e precisavam da companhia um do outro. Camilo está precisando casar, pensou Vilela, esticando o braço para aumentar o som. Assim sairiam em grupos, seria mais divertido. Ficava preocupado com o fato de Camilo ainda permanecer solteiro. Já lhe apresentara muitas de suas amigas, passava-lhe as transas todas. E Camilo? Namorava uma, outra, beliscava aqui e ali mas acabava sempre sozinho. Sou um cara cretino e solitário, pra lá de difícil, um dia Camilo lhe confessara. Mas quando me casar, meu chapinha, vai ser pra valer. Por enquanto vou aproveitando, o mundo está assim de mulheres e eu ainda não papei nem um décimo do material que existe no meu próprio bairro. Vilela achava graça. Você não tem jeito mesmo, garanhão proletário. Camilo ficara muito amigo de Rita, mulher

de Vilela, acompanhava o casal para todos os lados. Rita também gostava muito dele e Vilela achava isso perfeito, não poderia suportar a idéia de sua mulher não ir com a cara do seu melhor amigo, ou vice-versa. Camilo agora precisava casar ou arrumar uma namorada. Formariam casais e se divertiriam melhor quando saíssem juntos. Ultimamente Camilo sempre saía com eles desacompanhado. Na boate era obrigado a dançar com Rita. **My best friend is a complete idiot**, pensou Vilela. E era bem possível que não aparecesse aquela noite para a partidinha de buraco. Rita também estava demorando. Vilela sentiu os olhos pesados. Na noite da sua sala sonora, estrelada de pontos vermelhos e verdes incrustados ao longo da parafernália eletrônica, surgiu o silêncio sobre o sono e, sobre eles, a agulha de diamante dando meia-volta e se encaixando no pino de descanso.

Camilo sentiu-se relaxado. Ainda deu um beijo em Rita e deixou-se ficar ao lado dela, na cama. Obrigado, querida. Sempre agradecia, depois. Rita acendeu um cigarro. Também estava relaxada, com os cabelos louros desalinhados sobre o travesseiro. Camilo encheu o copo de uísque e começou a beber devagar, com a mão esquerda sob a cabeça. Um dia compro um apartamento de cobertura e vamos nos encontrar lá todos os dias, falou Camilo. Ora, motel é tão romântico, querido, comentou Rita. Beijou o peito de Camilo. O único problema, continuou, é um dia a gente se encontrar com o Vilela no corredor.

Camilo começou a rir, engasgando-se com a bebida. Vilela em um motel... repetiu, rindo de soluçar. Eu dava tudo pra ver o fidelíssimo Vilela, depois de casado, com uma zinha no motel. Rita também começou a rir. Não menospreze o meu marido, falou, fingindo raiva. Depois ajuntou, jogando fumaça no rosto de Camilo — ele é uma fera à noite, me estraçalha de beijos e complicadas posições indianas, um super-coisa untado de sensualidade, é bem possível que ele leve suas amigas aos motéis. Afinal, também tem direito a uma infidelidadezinha de vez em quando. Camilo parou de rir — não me provoque ciúmes, eu sei que ele ronca tão logo você se deita junto dele. Ainda mato aquele cara.

Sabe, falou Rita, apagando o cigarro no cinzeiro e bebendo um pouco de uísque no copo de Camilo, outro dia fui a uma carto-

mante que uma amiga me recomendou. Foi num dia que você deixou de ir lá em casa. Fiquei preocupada, telefonei pra sua casa e a empregada disse que você havia saído há mais de três horas. Imaginei mil coisas. Pensei que você tinha arrumado outra e me abandonado. Ora que idéia, falou Camilo. Então, continuou Rita, eu fui correndo a essa tal cartomante. A casa dela é na Avenida Brasil, ela é meio cara, mas valeu a pena. Me disse tudo a respeito de nós. Colocou as cartas na mesa, leu, leu, leu, olhou pra mim com dois olhos de bola de cristal e disse: «tens um rapaz enamorado e um rapaz corneado. O primeiro te ama como um cachorrinho e o segundo nem por sombra imagina o que se passa entre vocês». Paguei uma nota e saí satisfeita, muito leve. No dia seguinte você apareceu, foi naquela noite em que você apertou a minha mão por trás do amplificador do Vilela, se lembra? Camilo tornou a encher o copo de uísque. Qual dos amplificadores do Vilela?, disse, sorrindo. Seu marido tem um monte deles, de altíssima fidelidade, como ele. No duro, meu bem, nunca vi tanta aparelhagem sonora em um só lugar como na sua casa. Vilela desde menino gostava muito de som mas eu não sabia que ia saltar tão neuroticamente do radinho de pilha aos dois milhões de volts. É o marido tensão elétrica da cidade.

Vilela acordou com luzes no rosto e a voz de Elis Regina. Rita estava sentada perto dele, no sofá, e tinha um copo de uísque na mão. Olha quem achei na rua, querido. Apontou para Camilo, sentado na poltrona ao lado. Olá, belo adormecido, saudou Camilo, levantando o copo de uísque. Vilela espreguiçou. Quantas horas, perguntou para a mulher. Onze da noite, querido, cedíssimo. Vilela tornou a espreguiçar. Vamos sair pra uma partidinha de buraco?, propôs. Claro, concordou Camilo. Rita levantou-se e dirigiu-se ao barzinho. Vou preparar um uisquinho pra você, meu amor.

As vezes Rita e Camilo se encontravam no apartamento dele. Mas era perigoso. Tinham de esperar a empregada sair e não podiam atender o telefone. Rita enfrentava a aventura com muita disposição. Por ela, fariam amor na frente de Vilela. Camilo, porém, morria de medo. Era mais que cautela o que armava em sua volta, era o próprio cinto do terror. Sentia uma mistura de pavor indefinido com um sentimento bem claro de traição ao amigo.

Mas tudo isso passava quando estava sozinho com Rita. Ademais, não se sentia tão amigo de Vilela como esse imaginava. Antes de traí-lo no amor já o traía na amizade, sem que ele percebesse. Vilela nascera rico. Ele era o pobretão da dupla. Sentia despeito, rancor e se humilhava demonstrando alegria quando ia brincar na casa do amigo e se perdia no meio de todos aqueles brinquedos caros que ele não tinha nem teria. As vezes Vilela lhe dáva roupas de presente, ele sabia que o amigo fazia isso porque ele não tinha dinheiro para comprá-las. Usava as roupas com um nó duro na garganta. Era a sombra do amigo. Até a adolescência, quando começou a trabalhar, viveu praticamente às custas do outro. E o odiava por isso, por se sentir sua cauda e sua sola. Vilela jamais suspeitara de seu sorriso falso e de seu abraço frio. Somente agora, já adulto, é que trocara o despeito por indiferença e conseguira acumular dinheiro. Trabalhava em uma próspera firma de engenharia. Mas fora o Vilela (sempre o Vilela) quem lhe conseguira o emprego. No fundo sentia uma espécie de gratidão por ele. Apenas isso. E de certa forma se sentia recompensado, diabolicamente recompensado, por ter conquistado a sua mulher. Que agora o beijava sofregamente, na cama do motel.

A cartomante tinha razão. Vilela não suspeitava de nada. Era um ingênuo imaculado, devia ter nascido anjo. Enquanto ele se distraía infantilmente com seus hobbies sonoros — gravar, ouvir discos, montar fitas (tinha um rolo de adesivos transparentes para isso, e o fazia com um talento especial) — Camilo e Rita se encontravam com freqüência cada vez maior. Haviam perdido totalmente as cautelas anteriores. Ela, principalmente. Telefonava-lhe em código na frente de Vilela. Beijaram-se, um dia, na cozinha da casa enquanto o marido montava fitas na sala. Qualquer dia se amariam no quarto, com a porta aberta, ouvindo a **Banda Veneno** dele. Ultimamente Vilela só ouvia sua coleção de LPs **Banda Veneno**. Ouvia altíssimo. Curtia, sem saber, a solidão e o inferno de ser traído, prestava-se como uma cobaia feliz às experiências do susto e à progressiva confiança que os triângulos amorosos provocam. Destilavam veneno à sua volta enquanto ele ouvia pacificamente a **Banda Veneno**. Não se daria conta, jamais, dos simulacros, dos truques, das pequenas armadilhas em que estava

enredado. Definitivamente, um puro sem remédio, nenhuma pantomima lhe causaria suspeita, nenhuma lama o conspurcaria tampouco.

Quando Camilo demorava a chegar Rita dizia a Vilela: vou telefonar pro Camilo, ele está demorando tanto. E telefonava na frente do marido. Camilo?, estamos esperando você para o buraco. Com o tempo, possuía segurança bastante para sequer dar satisfação a Vilela. Pegava simplesmente o telefone e discava. Alô, Camilo?, estamos esperando você, meu anjo. Ou então, com duplo sentido: Camilo, o buraco te espera. Vilela ouvia **Banda Veneno**, bebia vinho e incentivava a mulher a chamar o amigo. Dizia mesmo — hoje você ainda não telefonou para o Camilo, está na hora do nosso joguinho; liga pra casa dele, querida.

Foi num sábado. Camilo se preparava para sair quando o telefone tocou. Rita, pensou. Do outro lado da linha, uma voz de homem, desconhecida. Ouviu, com um frio incômodo na nuca: não tem vergonha de trair o seu melhor amigo? Você não merece o ar que respira, canalha. Camilo ouviu com o rosto duro, sem piscar. Quem lhe telefonara, com uma voz pausada e distante, só dissera aquelas duas frases e depois desligara. Com a mão direita trêmula Camilo ainda permaneceu com o fone no ouvido, escutando o sinal do outro fone desligado. Só então disse alô, alô?, quem fala? Descobriram, exclamou atônito. Puxa vida, descobriram! Deixou-se cair na poltrona. Vilela? Não, a voz não era dele. Um amigo de Vilela? Também não, conhecia todos eles. A voz do homem lhe era estranha, uma voz de lâmina e pedra, profunda, sincopada, uma voz de quem falava a centenas de quilômetros. Imaginou Vilela com um lenço no bocal do aparelho. Não, não, a voz gutural de Vilela, abafada, soaria como a voz de um ganso. Meu Deus, descobriram.

Camilo ligou o Corcel e dirigiu-se para a casa de Vilela. No meio do caminho, porém, resolveu não ir. Tinha certeza de que não agiria com naturalidade na frente do amigo. Ainda estava interiormente trêmulo. Foi para o clube, pediu uísque. Bebeu até de madrugada. Quando voltou para casa havia um bilhete da sua empregada, sobre a mesa do telefone — Dona Rita telefonou duas vezes. Dr. Vilela também telefonou uma vez.

No dia seguinte, com um pouco de ressaca, Camilo resolveu enfrentar Vilela. O amigo montava umas fitas na varanda. Êi sumido, cumprimentou, pegue um uísque pra você. Rita está no banho. Tudo bem?, perguntou Camilo, sem muita segurança. Tudo legal, respondeu Vilela. Estou montando umas fitinhas. Ligue o som. Na cozinha tem uns canapés deliciosos. Fique também para o almoço, temos pato recheado. Camilo ligou o som, encheu um copo de uísque e afundou-se na poltrona. Quando Rita apareceu, embrulhada em um roupão vermelho, pegou o seu braço e levou-a até a cozinha. Onde você andou ontem?, perguntou Rita, quase gritando. Fala baixo, disse Camilo. Fechou a porta atrás de si. Não falo baixo não, grito pra todo mundo ouvir, saiu com uma piranha, não foi isso?, não foi?! Camilo colocou a mão na boca de Rita. Ela ofegava. Então Camilo falou, o mais tranqüilo que conseguiu: descobriram nossa transa. Me telefonaram ontem, alguém já sabe de tudo. Rita ouviu arregalando os olhos. Perguntou, por entre os dedos de Camilo — Vilela? Camilo tirou a mão da boca de Rita, entreabriu a porta da cozinha e olhou para a varanda. Vilela continuava lá, de costas, montando suas fitas. Tornando a fechar a porta: não foi o Vilela, não era voz dele. Não posso imaginar quem tenha sido. Mas isso não tem importância. O caso é que já sabem e amanhã o Vilela também pode estar sabendo. Não posso também imaginar qual seria a reação dele. Gente tranqüilona é pior, de repente vira fera. Vai nos picar no punhal. Não seja ridículo, falou Rita, recompondo-se. Aquele cara não mata nem barata. Descobriram, e daí? Melhor pra nós, fugimos, vamos pra Rodésia. O que eu quero saber agora é aonde você foi ontem. Telefonei umas cinco vezes pra sua casa, quem é a nova mulher na sua vida? Heim?, heim? Fui tomar um porre no clube, respondeu Camilo, entreabrindo novamente a porta e olhando para a varanda. Não grita que o Vilela pode ouvir. Que ouça, gritou Rita. Camilo colocou a mão na testa.

Continuaram se encontrando nos motéis mas Camilo agora vivia em sobressalto. Principalmente porque recebera mais três telefonemas anônimos. Estranhamente, as vozes nunca coincidiam na entonação. Mas todas elas tinham uma coisa em comum —

eram tenebrosas e só diziam duas frases. Na terceira vez Camilo gritou **se identifique, pelo amor de Deus**, e ouviu a segunda frase: a honra se paga com sangue, malandro.

Vilela continuava o mesmo homem sereno, tratando Camilo como sempre e ouvindo **Banda Veneno** em sua sala entulhada de receivers, amplificadores, rádios FM, tape-decks e gravadores de rolo.

No dia 15 de Novembro, feriado, Rita telefonou para Camilo. Meu bem, vem pro seu buraquinho. Camilo desceu, pegou o Corcel na garagem e foi para o buraquinho. Havia tomado uma chuveirada morna, sentia-se bem disposto, chegou a assoviar a música que ouvia no rádio do carro. Já não se sentia intimidado pela voz anônima do telefone. Afinal, que mal lhe podiam fazer? Vilela não era. Só podia ser gente despeitada querendo papar a Rita. Era sempre assim, preferiam deixar o marido sem saber, desde que usufríssem da situação. Um jogo de insinuações, uma rede de maledicências, confundiam a paixão sincera de uma amante com veleidades de adúltera. Mas ninguém ia papar a sua Rita, ah não.

Na Av. Brasil, o trânsito estava congestionado. Um caminhão de mudanças estava atravessado na rua. Havia batido em um ônibus. Guardas de trânsito apitavam e sinalizavam. Um carro-reboque tentava levar o ônibus para junto do meio-fio. Camilo parou o carro e dispôs-se a esperar. Não tinha pressa. Estava tamborilando os dedos no volante e olhando distraidamente para os lados quando viu a casa. Era velha, de esquina, e destoava dos prédios novos do quarteirão. Na porta havia uma placa — Madame Hilda, Cartomante. Camilo estava na Av. Brasil e a casa coincidia com a descrição de Rita. Entre ficar parado dentro do carro e consultar a sua sorte Camilo optou pelo segundo. Desligou o rádio e o carro, saiu e fechou a porta.

Por dentro a casa era tão velha quanto lá fora. Era como ele sempre imaginara uma casa de cartomante por dentro: teias de aranha nos vãos das portas, poucos móveis e retratos indecifráveis nas paredes. E havia também um cheiro de coisa azeda. Camilo foi em frente. No fundo do corredor estava Madame Hilda. Como se estivesse esperando por ele. Sente-se, falou, sem olhar para

Camilo. Camilo sentou-se de frente para ela. Madame Hilda empilhava cartas sobre uma mesa redonda. Embaralhou-as, tornou a empilhá-las e dividiu-as em duas fatias iguais. Tirou a carta de baixo de uma das fatias. Rapaz apaixonado, rapaz corneado, mulher deitada. Ouço vozes picadas, costuradas, mensagens.

Camilo não estava entendendo muito bem. Perguntou — ela me ama? Muito, respondeu Madame Hilda. É isto que importa, falou Camilo levantando-se. Sorria para a Madame. Não quer ouvir o resto?, perguntou Madame Hilda com olhos frios. Não, já ouvi o bastante, respondeu Camilo. Então lembrou-se que Rita lhe dissera que a cartomante cobrava caro. Não sabia como proceder numa situação dessa. Viu quando Madame Hilda tirou uma pera da gaveta da mesa e pôs-se a mastigá-la. Para você comprar peras, disse Camilo, estendendo-lhe seis notas de quinhentos cruzeiros. Os olhos de Madame Hilda brilharam. Ainda perguntou — tem certeza de que não quer saber o resto? Não, não, obrigado, respondeu Camilo. E saiu, apressado. Vai, rapaz enamorado... cantarolou Madame Hilda.

Na rua, já haviam rebocado o caminhão e o ônibus e o trânsito escoava normalmente. Camilo deu a partida no carro. Na esquina, pisou no acelerador e foi, muito feliz, cortando os carros em sua frente.

Ó de casa, gritou, entrando. A **Banda Veneno** tocava na sala. Vilela estava de costas para a porta. Êi, camarada, cumprimentou Camilo. Vilela voltou-se lentamente para o amigo e deu-lhe três tiros no peito. Enquanto morria, e era tão ruim morrer que Camilo trincou os dentes, viu Rita dobrada no chão com o peito vermelho. E Vilela fez o seguinte: abaixou o volume do som e apertou o botão do gravador. **Gonha de trair o seu melhor amigo?** A pista acelerada e, em outro canal: **pro seu buraquinho, meu bem, vem pro seu buraquinho, meu bem, vem pro seu bu.**

(Que Machado de Assis me perdoe, já tomei muita liberdade com a estória dele, mas prefiro um outro final. Aliás, **final** em conto (ou outro gênero de ficção) não devia existir. Mas já que se tem de terminar de alguma forma, proponho esta: (Vilela, apesar de ingênuo tinha lá suas sagacidades de montador de fitas, mas prefiro considerá-lo ainda um meio-tolo sem tendências homicidas):

Camilo entra, Rita o espera de roupão vermelho aberto à altura da coxa esquerda. Vilela ouve **Banda Veneno**. É claro que já havia percebido tudo entre o amigo e a mulher. Enquanto vê os dois se beijando (e se ainda não tivesse percebido nada, perceberia naquele momento) molha dois dedos da mão direita na boca e logo em seguida toca, com eles, a entrada do amplificador ligado. Não me perguntem quantos volts tem um amplificador ligado. Só posso afirmar que é o bastante para eletrocutar o imbecil que faz uma coisa dessa. (Bem, pelo menos dar-lhe um bom coice). De qualquer forma, eu calculo a potência de um bom amplificador (com filtros, loudness, fonte de alimentação regulada e outros sofisticados recursos técnicos) em torno de 160 volts).

(Ninguém merece uma morte tão chocante. Imaginemos Camilo entrando na casa. Vilela, naturalmente, já descobrira tudo. Sua cabeça não agüentara a pressão. Está vestido de baiana e dança ao som de **Banda Veneno**. Não tem um rebolado muito excitante mas convence pelos gestos graciosos das mãos. Camilo e Rita, às gargalhadas, fogem para a Rodésia).

(Nunca mais faço adaptação de Machado de Assis, nem de outro escritor, seja do mesmo nível ou menor. Confesso que não estou conseguindo terminar tão intrigante enredo. Leiam o original. É um pouco melhor).